

de seus compatriotas, como ató dos proprios estrangeiros, que apezar de não satisfeitos em ambicionarem e carregarem as nossas *messes douradas*, visto a companhia favorecer-lhes, comtudo não recusárão abraçar a idéa promovida por Pombal, desde que o nome de Jesuita passava a designar —insania e devassidão.

Francisco d'Assis Furtado de Mendonça Junior.



Palavras de um louco

Por—L. N. F. Varella.

1

Caminhar!... Caminhar!... Quando chegarei ao logar do repouso? Quando poderei descansar minha cabeça escandecida pela febre? Quando dormirei eu?

Na immensidão dos desertos a columná de fogo guiava os Israelitas,—a estrella polar conduz o nauta na solidão dos mares,—ao clarão azul—pállido da luciola o viajor indiano caminha pelos êrmos,—porém nas trévas de minha noite não ha estrella polar nem columná de fogo, os meteóros esvaecem-se na minha estrada, os vagalumes se afugentão ao som de minhas passadas.

Vaguei desde as margens risonhas do Senna e do Tibre até ás pestilentas bordas do Indus e do Ganges:

Desde o salão onde fulgem as luzes de cem cyrios até o tugurió onde ferve a marmita ao fogão hei rastejado a simbria de meu manto.

Como o—Ahsverus da legenda—empoei os meus cabellos nas cinzas dos imperios, e reclinei-me nas sepulturas dos reis.

Bebi a sciencia de uma geração inteira, derramei ondas d'inspiração ás turbas que me cercavão ávidas, e na pyra das artes fiz a hecatombe de todas as minhas illusões. E no entanto eis-me como Fausto—morto e gelado! o que ganhei de tudo isto? Das precarias alturas de sua vaidosa grandeza—a raça crapulosa me cobre de sarcasmos e desprezos,—os sabios improvisados riem-se de mim, e a turba que me vê passar murmura escarnecedo—é um doudo!

Doudo,—porque em vez de rastejar-me servil e submisso sobre os régios tapetes, proclamei a liberdade e igualdade,—porque em vez de curvar a cabeça ao miseravel egoismo do seculo, sopeei

altivo os preconceitos sociaes,—porque em vez de um punhal,—uma pena mercantil—ou uma gazoo,—tomei uma lyra e desferí doces melodias !

Doudo !... serei um doudo, porque o labéo da maldição negreja a fronte dos livres,—porque a poezia, essa linguagem dos anjos é manchada de despresos,—porque o amer,—a crença,—a virtude são estupidas quiméras,—porque o interesse é a lei,—o ouro a divindade,—o egoismo a virtude !...

Oh !... é verdade, eu sou um doudo !

Minh'alma está morta no meu seio como o embrião da larva na crysalida resequida,—meu coração é a lagôa estagnada cheia de lôdo e parasitas aquáticas.

Como essas caveiras que ao sereno da noite alvejão no cemiterio,—minha cabeça está vazia e despida.

Mais desgraçado que René,—mais incuravel que Harold o peregrino,—mais enfatiado do que Fausto, nas sombrias nuvens que me toldão a fronte no meu gélido scismar, nem sequer brota o desejo,—a esperança de poder deslembrrar-me tudo quanto hei sofrido.

Serião infructiferas para mim as orgias de Werner e Marlowe,—nem os festins illuminados dos Borgias,—nem os milhões de Rothschild poderião adormentar o cancro que me róe aqui dentro!

• •

II

Como esses antigos philosophos Pythagoricos, tenho entretanto na mente a vaga recordação de uma era feliz vivida em um mundo de maravilhas e encantos.

Como essas lembranças adormidas que se nós despertão no cerebro, quando aos tópidos raios da lua—as flores da amendoeira e da madre-silva envião aos sentidos seus humidos perfumes,—assim eu sinto ás vezes passar-me pela cabeça—todo um cortejo de vividas illusões e perfumados sonhos.

Oh ! eu vejo a téla do passado erguer-se adiante de mim, eu vejo....

—Sim,—era uma habitação pequena,—alva,—formosa, mysteriosamente occulta entre as folhagens das laranjeiras floridas ;—atraz são os coqueirões que balanceião nas nuvens a coma verde-escura como os cocares do uma borda selvagem ;—aos lados—o rosmaninho é o amarantho,—o jasmim e a rosa,—a magnolia pállida e as ama-

ryllis borrisadas de oiro que riem-se á luz do sol e pejão a athmosphera de suavissimos perfumes ;—na frente a tribu errante das andorinhas rasteja a ponta das azas na placidez azulada de uma lagôa dormente ;—ao longe alveja o campanario esguio da igrejinha d'aldêa, e entre os festões de rosas brancas levantão-se as cruzes do cemiterio. Oh ! como tudo é bello !... como no véu das recordações, tudo se baptisa de um romantismo sagrado !...

Havia alli uma imagem de mulher—bella dessa santidade das madonas, que de mãos postas contemplão o céo nos nichos de marmore das cathedraes italianas ;—lembra-me que, reclinado em seu regaço,—ella passava suas mãos pallidas nas loiras ondas de meu anellado cabello,—embalava-me o somno em suavissimas cantigas,—e eu lhe repetia feliz :—minha mäi !...

Depois era uma figura de virgem,—branca,—loira como um sonho de Schiller ;—tinha nos olhos a pureza melancolica do azulado do céo,—no rosto toda a belleza plastica das concepções de Canova. Parecia ter sido formada para viver a um contínuo luar, alimentar-se com os suavissimos esfluvios das acacias e das magnolias,—e adormecer sobre coxins de neblina.

Uma noite,—quando as estrelas tremião—como um bando de abelhas de oiro pouzadas no ceruleo manto,—quando as brisas choravão passando nas folhas lustrosas da madre—silva,—quando nos ares soava a—acusmatha melodiosa das harpas ethereas, lembra-me ter cahido a seus pés e murmurado brandamente :—eu te amo !

Da vaga transparencia desse poema passado, das brumas incertas que envolvem essa região de magias, parece-me ouvir ainda os languidos suspiros do seio d'ella, e a voz harmoniosa,—meiga como o halito de um anjo, murmurar-me—toda uma epopéa de infindas promessas,—toda uma eternidade de venturas !

Sim ! lembra-me tudo isto ! porém esse mundo desfez-se ;—esse poema de felicidade esfolhou-se—no ranger de uma enchada,— e ao cantico dos coveiros !

—O epilogo está gravado na lousa dos tumulos !—

Não ha peior miseria do que uma lembrança feliz nos dias de amargura !—bem dolorosas, mas no entanto bem verdadeires são estas palavras, não é assim sombrio Alighieri ?

Oh ! illusões !... illusões !... á vossa sombra adormeci como o viajante da Azia debaixo—das Upas venenósas,—absorvestes-me todas as crenças,—eivastes-me todas as esperanças !

Livido Manfredo, sombrio filho da descrença !—porque entre as nevoas da noite invocas os genios do topo das montanhas ?

Dos abyssos dos Alpes—e das grimpas do yung—Frau os phan-

tasmas acudirão á tua voz ;—o espirito dos mares deixará o seu leito de perolas para te ouvir ;—porém o esquecimento,—esse o terás na poeira das sepulturas !

Em vão te reclinas á sombra das florestas oh pálido René !—a molestia que te consome não te deixará jamais ! Como os filhos de Goethe—e de Marlowe é forçoso pagar o teu tributo ao genio das desventuras,—descrente filho do mais fervoroso dos crentes.

Felizes são os que dormem debaixo da abobada das humidas necropolis ;—pelo frio sudario do cadaver as amarguras não cálão, e se a myrrha e a pancaia fôrão vedadas ao leito do morto, também o absinthio não lhe mancha os labios.

Por alta noite o vento geme nas folhas do salgueiro,—a caligem desdobra-se no céo, e a phosphorescencia doudeja na face do cemiterio ; porém os que ahi dormem não suspirão nem chórão,—porque a verdadeira felicidade está na insensibilidade do cadaver e na friez do esquecimento !

III

Poesia !... Poesia !... Sabeis o que é a poesia, inexperientes mancebos,—cabeças loucas de exaltamento,—almas baptisadas nas gottas cálidas do sonhar deliroso de Lautréaumont. Sabeis os resultados dessa vertigem que vos atordoa o espirito n'um momento, e imprime ao mundo e aos homens as fórmas e proporções as mais engonosas ?

Sabeis o que é a poesia desgraçados ?

A Poesia é—a cabeça ensanguentada de Chenier, rolando através do fumo da revolução pelas duras escadas do patibulo.

E' Chatterton o moço, que mergulha nas torvas ondas do suicídio a grinalda fanada de suas desoito primaveras.

E' Gilbert que se estorce nas agonias da fome, entre as humidas paredes de um escuro pardieiro.

E' Bocage o loiro Cysne da Lysia que, no continuo expandir de fêrvidas inspirações, enchêra a patria de harmonias, e—agora coberto de andrajos,—incendido pela febre,—ressomna suarento sobre os frios ladrilhos de um lupanar.

A Poesia é Dovalle assassinado pela balla de um duellista ; é Job Stern morto pelas decepções, é—Schelley ateo,—é Byron descrito,—é Nerval expirando na miseria !

Oh ! a Poesia é uma maldição !

Sentira-o nos sombrios carcères de Spielberg o resignado cantor de Francesca de Remini,—dissera-o o brilhante sonhador de Lallah Rook,—Tasso na prisão,—Milton na obscuridade e Camões no hospital !

E' uma epidemia cruel que lavra desde Homero—o mendigo, Ovidio o desterrado, até Lamartine errabundo e V. Hugo expatriado !

Anathema sobre ti miseravel ceifadora de tão esperançosas frontes ! Divindade infernal que tens por throno o martyrio,—por coroa a miseria e a sepultura por leito ! Anathema !

Invejo a sorte do cedro que na encosta da serraña—cresce,—cresce, até que por uma noite de tormenta lhe venha o raio dizer :—pára.

Invejo a sorte do rochedo que se eleva na solidão dos mares, e que as ondas banhão de espumas ; invejo a pedra que aumenta-se pela aglomeração das camadas,—a parietaria que cresce na humidade das ruinas,—porque ellas não sentem, nem têm um fardo de misérias a carregar sobre a terra !

Estatua fria e mutilada, denegrida pelas escáras do tempo, eis-me erguido á porta do Parthenon arruinado de minhas passadas crenças !... O deserto extende-se adiante de mim como um lençol mortuário, a ortiga e o cardo me cercão.

IV

Se eu pudesse crêr na Religião ! Se eu pudesse reclinar-me á sombra dessas tendas que alvejão nas encostas do Cedron,—abrir minh'alma a essas vozes passadas de que falla Herder, ouvir os cantos lentos e solemnes do propheta nas cimeiras do Sinai !

Mas ai ! o templo transformou-se em uma taberna,—o altar em um balcão de trasicos horriveis, o confessionario em uma escola de vicios e torpezas,—uma ante-sala de lupanar !

O levita despia a sua alva tunica de linho, e tomou a veste das orgias ; a archa santa está cheia de contractos de agiotagem, e os cantos desenfreados da Messalina reboão nas naves desse templo para onde a rainha de Sabá trouxera as preciosidades do Oriente.

Estira-te macilento nessa cruz oh Christo ! foi improficia a profunda revolução que dizem teres promovido.

O mundo se arrefece na duvida, e o universo vacilla !...

Como essa divisa que sonhára Alighieri sobre a porta do imperio das sombras,—sobre o portico do mundo negreja o sombrio dilema de Hamlet :

To be or not to be, that is the question !

Em breve as trévas predictas pelo author do Child terão embuçado a face da terra, até que um dia o ultimo mortal que restar solevante-se moribundo para escrever trémulo sobre o cadáver do mundo :—*Nihil et umbras!*

Tempestade que avanças, eu te saúdo!... eu te saúdo, oh genio da devastacão!

Mas onde estou eu? que frio é este que me corre pelas veias?
que agitação é esta no meu seio? Ah! é verdade, lembra-me agora,
—eu sou um louco, o mundo o diz e eu o sinto!

Este frio que me géla é o halito da morte que chega !

Oh vem ! vem, virgem dos derradeiros momentos, vem, que estou cansado de esperar-te !

Preso em teus braços,—suffocado por tuas caricias, o pobre louco poderá voltar-se um momento para o mundo e dizer :—Maldição !

S. Paulo, 28 de Setembro de 1861.